

# Acadianos: entre chegada, ocupação e diáspora no Canadá Atlântico dos séculos XVII e XVIII

*Acadians: their arrival, occupation and diaspora in the Atlantic Canada between 17th and 18th centuries*

Alexandre Belmonte<sup>1</sup>  
André Luis P. Sena<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir a trajetória do povo acadiano e suas dinâmicas históricas e políticas no Canadá Atlântico entre os séculos XVII e XVIII. Fundada entre 1604 e 1605 na costa leste do Canadá, a Acádia desenvolveu-se como um projeto de ocupação, integração e povoamento do que hoje são as Províncias Marítimas (Les Maritimes) que beiram o Oceano Atlântico. Tais províncias são hoje a Nova Escócia, o Novo Brunswick e a Ilha do Príncipe Eduardo foram, no passado, o ambiente natural de desenvolvimento da civilização acadiana. Construindo uma estratégica aliança com os Mi'kmaq, povo autóctone do Canadá, os acadianos prosperaram com relativa autonomia local até 1713, tendo sido expulsos da Acádia entre 1755 e 1762. Este artigo busca compreender as dinâmicas políticas domésticas e internacionais que produziram a diáspora acadiana, marco histórico fundamental para esse povo, que ainda hoje se reconhece como uma comunidade singular, dotada de autonomia cultural e identidade coletiva.

**Palavras-chave:** Acadianos; Canadá Atlântico; Diáspora; História; América do Norte

### **Abstract**

The purpose of this paper is to discuss the trajectory of the Acadians and the historical and political dynamics of this people in the Atlantic Canada between 17th and 18th centuries. Founded in 1604-1605 on the East Coast of that country, Acadia has developed a project of occupation, integration and population of what is today the Canadian Maritime Provinces on the Atlantic Coast. Those Provinces are today Nova Scotia, New Brunswick and Prince Edwards Island; they were and still are the historical environment of the Acadian civilization. Having built a strategic alliance with the Mi'kmaq people (a Canadian First Nation), Acadians have prospered and flourished in relative autonomy until 1713. Between 1755 and 1762 they were systematically expelled from Acadia by the British Empire. The present work seeks to identify the main aspects of the domestic and international dynamics that led to the Acadian diaspora, a fundamental historical issue of this unique community that still today recognizes itself as a group endowed with cultural autonomy and collective identity.

**Keywords:** ACADIANS - ATLANTIC CANADA - DIASPORA - HISTORY - NORTH AMERICA

<sup>1</sup>Doutor em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Professor Adjunto de História da América Antiga e Colonial desta mesma instituição. É membro da Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas (Anphlac) e participante do Núcleo de Estudos das Américas - UERJ  
**e-mail:** alexandre.belmonte@uerj.br

<sup>2</sup>Doutor em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e participa de pesquisas sobre a História da América do Norte no Núcleo de Estudos das Américas (UERJ), com ênfase em História do Canadá Atlântico. É professor do Curso de Relações Internacionais da Universidade Veiga de Almeida.

**e-mail:** andre.sena@uva.br

*Dans ce coin de pays, de génération en génération, le fameux bateau fantôme continue et continuera à faire parler de lui. Quand on commence à fouiller sur le sujet, on y trouve plus qu'une simple petite histoire locale. Georgie Mallais. Le bateau Fantôme du capitaine Craig.*

*Les Acadiens sont un peuple, et un peuple est plus fort qu'un Pays. Un Pays est une institution, mais un peuple est plus fort qu'une institution car il a une âme, il a des rêves, il est vivant... Antonine Maillet.*

Os acadianos são um povo.

A frase pode parecer por demais reducionista, mas trata-se, na verdade, de uma espécie de exclamação em tempos globalizados, durante os quais ela pode fazer pouco sentido ou, talvez, menos sentido do que antes.

Vivemos momentos denominados por alguns de modernidade tardia (HALL, 2005), por outros de hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2005), em que a questão das identidades essenciais encontra-se permanentemente sob suspeita. Os essencialismos parecem estar fora de moda, dando lugar, com certa razão, à percepção de formações identitárias híbridas, combinadas e fragmentadas, em um mundo globalizado, radicalmente assimétrico e pulverizado em diversos aspectos.

Neste sentido, a frase que dá início a esta breve reflexão sobre os acadianos toma ares de radicalismo ou anacronismo; porém, ainda é possível afirmar que a pergunta que fez Ernst Renan em 1882 ainda faz sentido<sup>1</sup>. O estudo da formação e natureza

histórica das comunidades e dos povos ainda é objeto do historiador em pleno século XXI, e os acadianos são uma prova disso. Acadianos, curdos, palestinos, bascos, corsos e tantas outras minorias nacionais que ainda buscam, pelas mais diversas razões, algum tipo de autodeterminação.

Ao estudarmos os acadianos, percebemos que eles perseguem ainda hoje um projeto de autonomia que acompanhou as diferenças que o tempo histórico lhes impôs. No século XVII, compuseram uma comunidade migrante de ocupação e povoamento de uma região do Canadá que nomearam Acádia. No XVIII, ao sofrer as retaliações do poderio britânico, configuraram uma família diaspórica incomum, que se espalhou pelos Estados Unidos, Caribe e de volta à própria Europa, sem jamais esquecer suas representações identitárias mais pregnantes.

Com efeito, o século XIX

fez os acadianos respirarem um nacionalismo combinado à *Primavera dos Povos do Velho Mundo* e aos nacionalismos independentistas do Novo. Desejaram, portanto, romper com a narrativa da diáspora e construir-se como nação, sintetizando representações nacionais as mais diversas, algumas das quais sobreviventes até os dias de hoje, nas cidades que outrora compunham a Acádia e também em suas universidades e instituições comunitárias<sup>2</sup>, que fazem do exemplo dos acadianos uma espécie de micro-história das construções nacionais, das comunidades imaginadas e das narrativas nacionais.

### **1. A Acádia e os acadianos: um Novo Mundo de ocupação, povoamento e integração**

A região que compreende o que chamamos Acádia é o que hoje se denomina as Províncias Marítimas do Canadá. Apelidadas pelo senso comum de “As Marítimas” (*Les Maritimes*), tais províncias compreendem o Novo Brunswick, a Nova Escócia e a Ilha do Príncipe Eduardo. Situadas na costa atlântica do país, este grupo integra uma divisão ainda maior que conhecemos como Canadá Atlântico, somando-se a essas três a Terra Nova e o Labrador. Em tempos pregressos, alguns mapas consideravam a Acádia como uma região ainda mais extensa, cobrindo uma parte do

que hoje é a província do Québec e do Estado norte-americano do Maine<sup>3</sup>.

The history of Acadians identity is anything but simple although it can be made to appear so. At the opening of the seventeen century there were no Acadians, but by the close of that century there were people, living in territory known internationally as “Acadia or Nova Scotia”, essentially present day Nova Scotia, New Brunswick and Prince Edward Island, who considered to be themselves to be first and foremost Acadians rather than members of any other group<sup>4</sup>

A história do Canadá está densamente ligada à formação da Acádia, um termo associado pela historiografia canadense ao navegador italiano Giovanni Da Verrazzano, que explorou o Canadá Atlântico em nome do Rei da França, antes mesmo de Jacques Cartier, seu tradicional “descobridor”. Verrazzano teria batizado uma extensa região da costa atlântica da América do Norte (começando pela região que hoje conhecemos como Delaware, nos atuais Estados Unidos, até o norte atlântico canadense) com o nome Archadia em virtude de a vegetação lembrar-lhe o paraíso mitológico grego, que apontava para as planícies do Peloponeso.

Mesmo assim, como afirma Griffith (2005), os acadianos

sempre buscaram diferenciar-se de qualquer esquema geopolítico totalizante que esmagasse sua autonomia cultural, linguística e econômica. Em termos políticos, os acadianos buscaram inserir-se no esquema de potências que, na virada do século XVII para o XVIII, instalava-se no sistema internacional atlântico, tendo a França e a Inglaterra como seus principais atores; entretanto, essa inserção jamais significou capitulação diante do projeto acadiano de *self-government*, que gozou até mais ou menos 1713<sup>5</sup> de boas possibilidades de realização.

Em 1604, algumas dezenas de indivíduos franceses instalavam-se no que chamaram de Ilha de Santa Cruz, liderados pelos exploradores Pierre Du Gua de Monts e Samuel de Champlain. Ainda que autores importantes da historiografia canadense problematizem a questão dos “primeiros contatos” (McGEE, 1983), a *narrativa tradicional* acadiana relata-nos as dificuldades de enfrentamento do inverno daquele ano por esses fundadores do que mais tarde seria a *Nouvelle France*. O escorbuto dizimou 36 dos oitenta homens aventureiros, e, não fosse a intervenção solidária dos autóctones, ninguém teria sobrevivido.

One of the most difficult tasks for the ethnologist concerned with the culture history of the native peoples of Atlantic Canada is to recreate the aboriginal culture. This difficulty arises because we

are unsure when first contact with European peoples occurred. The first detailed accounts begin at the commencement of the seventeenth century, long after known frequent contact with European fishermen. Recent archaeological work in Newfoundland attests to attempted colonization by the Norse at a considerably earlier time<sup>6</sup>.

Quando se fala em elemento autóctone, com relação à história do Canadá, é preciso ter a consciência de que se trata de um tema de enorme complexidade. Naturalmente, isto se aplica a todos os estudos de povos autóctones do Continente americano, graças a uma infinidade de mundos e *sobremundos*, civilizações inteiras e *subcomunidades* que as integraram e fortaleceram. No caso canadense, encontramos, no mínimo, 617 povos diferentes agrupados em grandes troncos civilizacionais denominados *First Nations*, que talvez possamos traduzir como Primeiras Nações, embora o termo “nação” já venha, ele próprio, carregado de enormes questões.

Uma dessas *First Nations* são os *Mi'kmaq*. Pertencentes ao tronco dos *Algonquinos*, os *Mi'kmaq* teriam sido os primeiros autóctones a estabelecer contato com os franceses de De Monts e Champlain em 1604, auxiliando-os com o fornecimento de peles e provisões a fim de que se abrigassem do frio intenso. O termo *Mi'kmaq* aparece nas fontes primárias da história canadense

já em 1676, o que demonstra a importância de sua atuação no terreno atlântico, especialmente na *Nouvelle France* e seu núcleo central, a Acádia.

Os Mi'kmaq desempenharão um papel de grande importância na relação com a comunidade acadiana em formação, embora a historiografia canadense tenha silenciado por muito tempo essa importância. As razões deste silêncio vêm despertando reflexões importantes na comunidade acadêmica do país e podem ser as mais variadas, embora não seja muito difícil para nós, historiadores, especialmente latino-americanos, supormos suas razões mais preponderantes, como a necessidade de uma narrativa exclusiva de vencedores ou a construção de uma historiografia hegemonicamente eurocêntrica, e até mesmo branca, segundo a qual a ação colonizadora (e o papel desempenhado pelo colono branco) tenha sido o principal, senão único recorte narrativo na construção de uma história nacional para o Canadá ao longo de séculos.

Scholars in Canada, from at least as early as the mid-eighteenth century, have continually confronted the question of where to place this country's first peoples in relation to their general formulations of Canadian history.<sup>1</sup> Until well into the present century, historians tended to fashion depictions of native peoples in their works on the basis of utility to their

own community, and at various times this has consequently meant that Canadian histories have amounted to chronicles of white achievements in which non-Europeans have not been depicted at all<sup>7</sup>.

Apesar de assentados entre os anos de 1604 e 1605, seria apenas em 1631 que a França apontará seu primeiro governador oficial. Isto se deveu a problemas com exploradores de origem inglesa, como Samuel Argall, que, literalmente, destruiu a primeira cidade acadiana, Port Royal, em 1613. Era o prenúncio da tensão que as relações entre colonos franceses e ingleses engendraram no processo de ocupação e conquista de territórios do Canadá Atlântico. Relações tensas que, por sua vez, consistiam em uma projeção das rivalidades entre os reinos da Inglaterra e da França pela hegemonia atlântica, especialmente em um contexto norte-americano.

La proximité de la Nouvelle-Angleterre exerça par ailleurs une influence prépondérante. Forts d'une situation géographique d'intérêt, Français et Anglais en tirèrent profit : la baie du Maine permettait un accès aisé et rapide. Une activité économique commune, la pêche, les rapprocha et les divisa successivement. Les dissensions intermittentes et sans gravité du début firent place à des luttes plus chaudes et à des récidives

fréquentes: la forteresse française de Louisbourg fut à plus d'une reprise la cible d'assauts. Et les pillages itératifs perpétrés à Port-Royal, première agglomération de l'Acadie au 17<sup>e</sup> siècle, creusèrent davantage le fossé entre les deux communautés<sup>8</sup>.

A ocupação acadiana deu-se em meio a essas duas dinâmicas e marcou-se por uma tentativa de distanciamento delas, o que promoveu entre os acadianos um esforço de construção de uma identidade comunitária, própria, distante das disputas veterocontinentais e mais preocupada com a prosperidade e subsistência de suas famílias. Tal distanciamento não isentaria os acadianos do triste destino que sobre eles se abateu em 1755, quando foram violentamente desterrados e forçados a abandonar o Canadá Atlântico.

Mesmo assim, entre 1631 e 1713, quando oficialmente os acadianos passaram a ser súditos do Rei da Inglaterra, eles fundaram novas colônias ao longo da costa atlântica, como Beaubassin (atual Amherst, Nova Escócia) e o Grand-Pré, passando rapidamente de 400 colonos iniciais à cifra de 13.000 acadianos em meados do século XVIII. Isso indicava a capacidade daqueles colonos de inserir-se de forma mais ou menos livre na economia colonial do Canadá Atlântico, graças ao riquíssimo comércio de peles,

que evolvia uma relação próxima com os Mi'kmaq e à pesca e à comercialização do bacalhau, considerado tão importante para a economia colonial canadense como o ouro e a prata para os vice-reinos da Espanha.

## **2. Hegemonias Sistêmicas: França, Inglaterra e o *Grand Dérangement* de 1755**

Em 1847, o célebre poeta americano Henry Wadsworth Longfellow publica o longo poema épico *Evangeline, A Tale of Acadie*. De forma lírica, inscrita no estilo literário de seu tempo, Longfellow narra a história de uma menina em busca de seu amor perdido, Gabriel. Os dois se desconstruíram durante a violenta expulsão dos acadianos de suas terras pelos ingleses em 1755. Conhecido como *Le Grand Dérangement*, esse episódio marcou de forma indelével a história acadiana e consiste definitivamente em um divisor de águas, marco e mito fundador de um possível renascimento acadiano no século XIX. Toda a narrativa nacional desse povo está impregnada do episódio que gerou uma das grandes diásporas americanas do século XVIII.

Far in the West there lies a desert  
land, where the mountains/ Lift,  
through perpetual snows, their  
lofty and luminous summits./  
Down from their jagged, deep  
ravines, where the gorge, like a  
gateway,/ Opens a passage rude

to the wheels of the emigrant's wagon,/ Westward the Oregon flows and the Walleway and Owyhee<sup>9</sup>.

A expulsão dos acadianos foi definitivamente um dos maiores traumas da história canadense. Ela reside não apenas nos livros de história em geral sobre o país, como se encontra enraizada na cultura canadense como um fato a ser sempre lembrado. Entre os acadianos, o *Grand Dérangement* de 1755 parece ser uma espécie de momento fundador de sua consciência como comunidade imaginada, como povo, tal como afirma Antoine Mallet, dramaturgo acadiano, na segunda epígrafe deste trabalho.

A tensão entre ingleses e franceses no Canadá colonial, como já afirmado antes, refletia a construção de um sistema internacional atlântico em que Inglaterra e França disputavam certa hegemonia, não apenas sobre o que hoje é a costa atlântica do país, como sobre todo o território setentrional da América. Essa rivalidade acentuou-se em 1713, com a confecção do Tratado de Utrecht entre os dois Estados, pelo qual a Acádia passou às mãos britânicas.

Conhecido também como *A Paz de Utrecht* de 1713, esse tratado, na verdade, engloba uma série de documentos que versam sobre temas variados, desde a sucessão espanhola até

temas menos impactantes. Seus principais atores e signatários são Espanha, Portugal, Inglaterra, França, o Reino da Savóia e a República da Holanda. Uma das consequências mais fundamentais em termos políticos dessa série de tratados foi o estabelecimento de uma cultura de equilíbrio de poder na Europa, na medida em que a hegemonia francesa, pretendida anos antes com a Paz de Vestfália, era finalmente questionada e vencida por outras potências do Velho Mundo. Tratava-se de um objetivo estratégico de primeira grandeza da parte dos ingleses, visto que uma hegemonia francesa interessava pouco aos diplomatas e *policymakers* da rainha Anne, última soberana da casa dos Stuart, e que sobreviveria apenas um ano a Utrecht.

De qualquer modo, o sol de Luís XIV passou a brilhar menos intensamente com a assinatura dos documentos que selaram a paz de 1713. Uma das consequências desse crepúsculo recaiu diretamente sobre a Acádia e os acadianos. Uma parte significativa do Canadá Atlântico mudara instantaneamente de dono. A *Nouvelle France* era amputada e a soberania britânica passava a vigorar na Nova Escócia e províncias adjacentes tais como o Novo Brunswick. A Île de Saint-Jean, por exemplo, foi rebatizada de Prince Edward Island neste período, o que evoca o desejo dos ingleses de redesenhar geopolítica e semanticamente aquela região.

The war [of the Spanish Succession] had gone badly for the French and they were forced to cede to Great Britain dominion over the American colonies of St. Kitts, Hudson Bay, Newfoundland, and “all Nova Scotia or l’Acadie, comprehended within its ancient Boundaries”. The subjects of Louis XIV were to be given the choice of removing themselves and their movable effects from the province within a year, or remaining on their lands as subjects of the British crown, enjoying “the free exercise of their Religion, according to the Usage of the Church of Rome, as far as the laws of Great Britain do allow the same”<sup>10</sup>.

Utrecht gerou mais do que acordos; produziu ainda mais disputas entre os dois impérios coloniais, e o Canadá Atlântico encontrou-se no centro das querelas entre o Rei Sol e o primeiro soberano da casa de Hanôver. Enquanto a França considerava como sendo a Acádia repassada aos britânicos apenas a Nova Escócia, os ingleses reivindicavam *manu militari* regiões como o Gaspé e o Maine nos atuais Estados Unidos, além de outras áreas citadas anteriormente. Não se tratava, portanto, de enfraquecer a hegemonia internacional francesa apenas juridicamente, via tratados, mas era preciso estampar topograficamente tal projeto, estendendo ao domínio britânico partes ainda mais generosas da *Nouvelle France*.

Acadianos responderam

negativa e complexamente a todas essas mudanças. Rejeitaram moralmente a soberania da Coroa britânica, embora nada pudessem fazer para alterá-la de direito. Ao mesmo tempo recusaram transferir-se (poucos o fizeram) para outras partes da Nouvelle France, onde os Bourbons ainda estabeleciam algum tipo de domínio. Protestaram contra a iniciativa dos ingleses de renomear a cidade de Port Royal, berço da Acádia desde 1605. A cidade passou a chamar-se Annapolis Real, e, dela, governantes ingleses passaram a governar a Acádia.

A desmotivação para transferir-se e a aquiescência de fato da soberania inglesa ocorreram por variadas razões, dentre elas a dificuldade que os governadores de Annapolis criaram para essa transferência. Os ingleses temiam, com certa razão, um esvaziamento das colônias atlânticas e o decreto de Utrecht que autorizava a migração era, certamente, uma propaganda falsa. Tal esvaziamento poderia exigir da Inglaterra a formulação de toda uma nova política migratória para a Acádia, e, de fato, era mais seguro e menos custoso aos cofres da coroa manter os acadianos exatamente onde se encontravam.

Curiosamente, porém, em 1720, o Governador da “Nova Escócia ou Acádia” (como a região passou a ser chamada), Richard Phillips Esquire, publica uma proclamação exigindo dos acadianos um juramento formal de fidelidade à Coroa da Inglaterra.

Tal documento é claramente um demonstrativo de que a relação entre acadianos e britânicos foi bem menos conformista do que se supunha. Esquire dava aos habitantes da região quatro meses para a realização do juramento, mas os acadianos só o fizeram de fato em 1730, depois de conseguirem do governo de Annapolis a garantia de que a Inglaterra jamais pegaria em armas contra os franceses da Acádia e contra seus aliados históricos, os Mi'kmaq, que chegaram a enviar missivas à França protestando contra a desistência de Luís XIV em Utrecht, em 1713.

Os Mi'kmaq, de fato, desempenharam um papel político no Canadá Atlântico ao lado dos acadianos. Isso salta aos olhos do pesquisador do tema. Desde princípios do século XVII, quando os primeiros contatos entre estes e os futuros acadianos se deram, os indígenas buscaram integrar-se, de alguma forma, à dinâmica colonial, lendo e interpretando à sua maneira o jogo político intra-acadiano, mas também as relações de competição entre os reinos da Inglaterra e da França. Entre a conversão de Henri Membertou, em 1610, e a Trégua da Guerra dos Tambores de 1725<sup>11</sup>, houve um esforço contínuo desse grupo autóctone para posicionar-se no jogo colonial de forma resistente, mas também insistente.

Portanto, é uma coincidência a aliança histórica entre Mi'kmaqs e acadianos, que não parece ser

um mero jogo de reciprocidade e aceitação romântica do outro, mas a percepção da necessidade de uma aliança estratégica em prol da sobrevivência mútua. Como resultante da vontade política e da capacidade de resiliência destes “índios”, uma rede de tratados com a Inglaterra porá fim a uma série de conflitos que garantirão aos Mi'kmaq algum respeito por parte dos ingleses, mas também a suspeita de que sua aliança com os acadianos poderia ser um obstáculo a uma política britânica mais singularizada com relação a seus súditos acadianos. Nada mais acertado.

Many Acadians responded to the new British threats by abandoning their homes and farms and decamping for French-controlled territory. The new military government was “reducing us to the condition of the Irish”, one group declared. “Thus we see ourselves on the brink of destruction, liable to be captured and transported... and to lose our religion”. The Mi'kmaq responded to the new British military assertiveness by declaring war and launching a series of destructive attacks against Protestant settlers in the Halifax area. Over the next four years the province was overtaken by spasmodic violence. Cornwallis eventually resigned in failure and returned to England and, by late 1753, the military government was in the hands of Lieutenant-Governor

Charles Lawrence. “I cannot help being of the opinion”, he wrote to London in one of his first official dispatches, “that it would be much better, if [the Acadians] refuse the oaths, that they were away”. He asked for official approval<sup>12</sup>.

A mudança da capital de Annapolis para Halifax, em 1749, parece ter sido um elemento crucial que acelerou o processo de deportação e expulsão dos acadianos do Canadá. Uma das razões que motivou os ingleses à transferência da capital foi puramente topográfica, embora combinada a motivações estratégicas. Halifax, além de mais próxima do mar, era mais distante de centros urbanos acadianos e esse distanciamento dava aos ingleses o benefício da antecipação de medidas repressivas, se fosse o caso. Além disso, os ingleses finalmente apostaram no substitutivo demográfico, incentivando a vinda de colonos ingleses e alemães para regiões efetivamente acadianas como a Nova Escócia e o Novo Brunswick. Em torno de 10.000 novos colonos chegaram à região em menos de 10 anos.

O processo de deportação durou alguns anos, tendo sido iniciado em 1755. Em 1762, já não havia um único acadiano na Acádia, não sem a prestimosa aliança dos Mi'kmaq, que auxiliaram na medida do possível seus aliados a fugir, esconder-se e salvar suas vidas. A logística da deportação foi sistematicamente pensada pelos ingleses e milhares de acadianos

foram transportados em barcos para o sul da América do Norte, para colônias meridionais, como a Geórgia. Os que conseguiram evitar a deportação por navio e o risco de morte – vários navios naufragaram no processo – conseguiram alcançar territórios franceses ou morreram de doenças ou frio nas florestas geladas do Canadá. Outros chegaram ao Caribe e um pequeno número retornou à França.

O *Grand Dérangement*, como ficou conhecido posteriormente, tornou-se mais do que simplesmente um fato histórico marcante na vida dos acadianos. Transformou-se em um leitmotiv para o seu retorno à Acádia na virada do século XVIII para o XIX, e deu lastro a uma narrativa de tipo nacional que ainda hoje faz sentido para os acadianos. Mais do que um momento trágico, tornou-se um lugar de memória para a formulação de uma causa nacional acadiana, que seria elaborada em dez Convenções Nacionais, entre os anos de 1881 e 1937.

Curiosamente, essa história ainda é pouco conhecida de historiadores da América, pouco familiarizados com uma História Geral do Canadá. Nada mais desafiador do que desbravar um tema pouco explorado e, ao mesmo tempo, fascinante no âmbito dos estudos de História.

Recebido em 26/09/2016  
Aprovado em 06/11/2016

## Notas

- (1) RENAN, E. *Qu'est-ce qu'une nation?* Saint-Denis: Kontre Kulture, 2012.
- (2) Notadamente na Universidade de Moncton, na Província do Novo Brunswick, que abriga o Centro de Estudos Acadianos Anselme-Chiasson.
- (3) Isto pode ser observado em um mapa de 1754, que ilustra todas essas regiões sob o nome de Acádia.
- (4) GRIFFITHS, N.E.S. *From Migrant to Acadian*. A North American Border People 1604-1755. Canadian Institute for Research (University of Moncton). McGill-Queen's University Press, 2005, p.xv.
- (5) Data que marca o Tratado de Utrecht, entre Inglaterra e França, em virtude do qual a Acádia passou da soberania francesa à inglesa.
- (6) McGEE, H. F. "Introduction." *Native Peoples of Atlantic Canada: A History of Indian-European Relations*. Ed. Harold Franklin McGee. McGill-Queen's UP, 1983. pp.Vii-Xii.
- (7) REID, J. *Myth, Symbol and Colonial Encounter*. British and Mi'kmaq in Acadia, 1700-1867. University of Ottawa Press, 1995, pp.i-ii.
- (8) LE BLANC, R. A. Cahiers de géographie du Québec, vol. 23, n° 58, 1979, p. 99-124.
- (9) Canto IV, quinteto 1080: LONGFELLOW, H.W. *Evangeline*. A Tale of Acadie. Londres: Forgotten Books, 2016.
- (10) FARAGHER, J. M. *A Great Noble Scheme*. The tragic story of the expulsion of the French Acadians from their American homeland. W.W. Norton & Company, 2006, p.136.
- (11) A Guerra dos Tambores, também conhecida como Guerra Dos Três Anos, foi um conflito importante entre Mi'kmaq e ingleses, entre 1722 e 1725. Liderados pelo Chefe Jean-Baptiste Lopki (o prenome chama atenção), os Mi'kmaq conseguiram negociar de maneira relativamente impositiva com os ingleses um tratado de não agressão por 75 anos. A Guerra dos Tambores foi apenas uma das guerras coloniais ocorridas no século XVIII, no Canadá Atlântico.
- (12) FARAGHER, J. M. *A Great and Noble Scheme: Thoughts on the Expulsion of the Acadians. Acadiensis. Journal of the History of the Atlantic Region*. Vol. XXXVI, No. 1 Autumn/Automne 2006.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARAGHER, J. M. *A Great and Noble Scheme: Thoughts on the Expulsion of the Acadians*. **Acadiensis. Journal of the History of the Atlantic Region**. Vol. XXXVI, No. 1. Autumn/Automne, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A Great Noble Scheme*. The tragic story of the expulsion of the French Acadians from their American homeland. Nova York: W.W. Norton & Company, 2006.
- GRIFFITHS, N. E. S. **From Migrant to Acadian**. A North American Border People 1604-1755. Kingston: Canadian Institute for Research (University of Moncton), McGill-Queen's University Press, 2005.
- LE BLANC, R. A. Cahiers de géographie du Québec, vol. 23, n° 58, 1979.
- LONGFELLOW, H.W. **Evangeline**. A Tale of Acadie. Londres: Forgotten Books, 2016.
- McGEE, H. F. **Native Peoples of Atlantic Canada: A History of Indian-European Relations**. Kingston: Ed. Harold Franklin McGee, McGill-Queen's UP, 1983.
- REID, J. **Myth, Symbol and Colonial Encounter: British and Mi'kmaq in Acadia, 1700-1867**. Ottawa: University of Ottawa Press, 1995.
- RENAN, E. **Qu'est-ce qu'une nation?** Saint-Denis: Kontre Kulture, 2012.